

Ensino de Literatura e distâncias: experiência de aproximação

Tânia Regina Oliveira Ramos

UFSC



RESUMO – Este ensaio pretende registrar algumas reflexões críticas sobre a experiência com o ensino da literatura na modalidade a distância, nos dois cursos da UFSC: Libras (Língua Brasileira de Sinais) e Letras-Português.

Palavras-chave: Ensino a distância; Libras; Literatura brasileira; Material didático

ABSTRACT – This essay presents some thoughts on the literature studies based on distance learning experiences in two courses of UFSC: Libras (Brazilian Sign Language) and Portuguese Language.

Keywords: Distance learning; Libras; Brazilian sign language; Brazilian literature; Didactic tools

Não tenho explicações

Olho e confronto

E por método é nu meu pensamento.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Eu vejo o futuro repetir o passado

Eu vejo um museu de grandes novidades

CAZUZA

Joan Scott, em seu ensaio intitulado “Experiência”, começa destacando a dificuldade de se escrever a história da diferença, ou seja, a história da designação do “outro”. Depois de historicizar o conceito *experiência* e de mostrar como ele é centrado na capacidade que temos de em nome dela – da experiência – reproduzir e transmitir já que ela faz parte da linguagem cotidiana, esta tão imbricada nas nossas narrativas, que seria em vão querer eliminá-la. Experiência, diz ela, “é, ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação. O que conta como experiência não é nem auto-evidente, nem definido; é sempre contestável, portanto, sempre político” (SCOTT, 2000, p. 48).

Assim sendo, eu me sinto à vontade de falar em nome da experiência. Ou da experiência que estou vivenciando, depois de muitos anos na Universidade Federal de Santa Catarina como professora de Literatura do Curso de Letras presencial, pois não poderia ser diferente. Agora já incluí em meu currículo: professora de Introdução

aos Estudos Literários para o Curso de Letras Libras, membro do conselho editorial que analisa e aprova o material impresso e o ambiente virtual do Curso de Letras Português, professora em 2009 da disciplina Literatura Contemporânea¹ e acabamos de escrever todo o material (livro didático e ambiente) da disciplina Literatura e Ensino, na modalidade a distância².

Começo minha reflexão, então, pelo primeiro Curso, porque ele duplicou a experiência ou reduplicou a diferença ao ensinar história da literatura brasileira para alunos surdos e a distância. Desde o século XIX, a unidade linguística é ponto de partida da soberania nacional. Se, por um lado, a Lei de 24 de abril de 2002 sanciona a Língua Brasileira de Sinais – Libras – como

¹ O material dessa disciplina denominada Literatura Brasileira III e o livro didático foram escritos e planejados por Ana Cláudia Felix Gualberto, atualmente professora da Universidade Federal da Paraíba.

² RAMOS, Tânia Regina Oliveira e CORSO, Gizelle Kaminski Corso. *Literatura e Ensino*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010, 104 p.

meio legal de comunicação; por outro, no parágrafo único consta: “Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa”, o que reivindica a língua portuguesa em nome da soberania nacional. Apoiado na lei e em um movimento social e cultural sedimentado, em 2006-2007 iniciou-se o Curso de Letras Libras sediado na UFSC na modalidade a distância, com articulação em mais nove universidades, institutos especializados ou centros federais de educação. A disciplina *Introdução aos Estudos Literários* foi, em um primeiro momento, ministrada por mim e pelo meu colega de Universidade, Alckmar Luiz dos Santos³. Iniciamos o Curso junto com uma disciplina intitulada *Fundamentos para a Educação do Surdo*, antecedida pela disciplina *Introdução ao Ensino a Distância*.

Ao pensar na nossa disciplina, simultânea a duas disciplinas básicas, específicas e instrumentais, que estudos literário deveriam ser introduzidos? Que memória cultural poderia ser apreendida por universitários surdos, cuja relação com a nossa fala, a nossa escrita e os conteúdos selecionados pelos professores de Literatura precisa ser mediada pelos gestos do intérprete, por uma *performance* do corpo em um processo de tradução cultural? O que dizem a palavra impressa, os livros, as bibliotecas, os acervos, a teoria e a crítica, enquanto sustentação de uma história da literatura brasileira, para quem a lê como “literatura estrangeira” e não conseguiu ter domínio de escrita e leitura das normas da língua portuguesa impressa? Que Barroco, que Romantismo, que Realismo, que Modernismo, que Vieira, que Drummond, serve para estes leitores do corpo e dos gestos? Essa foi a primeira motivação da escrita deste texto⁴. Talvez seja preciso, com certa urgência, alcançar sistemas de escrituras, de visualidades literárias que abarquem outros paradigmas de construção de uma memória cultural brasileira apreendida para além/para aquém da palavra falada, do texto escrito e da obra impressa. Da impressão para a expressão.

Sigo falando da especificidade do Curso Letras Libras⁵ e, posteriormente, porque de igual importância, quero fazer uma leitura sobre o material que a eles, e aos outros alunos do Curso Letras Português a distância – e distância aqui assume o sentido semântico mais amplo possível – estamos oferecendo⁶. A tensão cultural vem sendo resolvida ou administrada em um processo complexo de aprendizagem e entendimento da cultura do outro, do conflito entre uma língua portuguesa impressa e falada e uma língua de sinais, brasileira, mediada por um intérprete, um tradutor cultural. Mais ainda: um contato mediado pelas videoaulas, videoconferências, roteiros, ambientes virtuais, gestos possíveis de entendimento.

Em nome de uma experiência contestável e sempre política, como avalia Joan Scott, eu deveria, em primeiro lugar, falar da minha (não) relação anterior com a cultura

surda, relação estabelecida pelo “olhar surdo que exige traduções culturais, que se tornam condições da relação e do encontro com o outro” (QUADROS & MAZZUTTI, 2007), o que me levou a buscar entender as construções identitárias, apoiada em Stuart Hall (2004), que se fazem no interior de contextos sociais, históricos e culturais, que determinam a posição dos agentes e, por isso mesmo, orientam as suas representações e suas escolhas.

Se na aula presencial o pensamento, as estratégias para controle do conteúdo e do tempo são fundamentais, se há espaço para o imprevisível, para o diálogo imediato, nas aulas de Literatura a distância, e aqui remeto-me igualmente ao Curso Letras – Português, há uma necessidade maior, ao preparamos todo o semestre antes do evento, o tempo, nosso e deles. Ao mesmo tempo, porque o ambiente nos proporciona essa possibilidade de um diálogo constante com um Designer Institucional (DI) há uma procura sobre questões fundamentais da literatura e da cultura como revisão do sintagma linguístico; como avaliar os usos da linguagem enquanto invenção e criação; como discutir a tradição crítica e a historiografia literária brasileira, focalizando seus métodos, objetivos e conclusões; como não perder de vista o resgate de fontes; o levantamento e a discussão do material literário publicado em livros, periódicos, jornais e manuscritos; como proceder a análise de obras canônicas e não-canônicas. Nesse contexto, nessa procura está a maneira como estamos nos valendo, em tempo de inclusões e novas tecnologias, dos arquivos da memória literária e cultural. Não podemos ainda pensar nos resultados alcançados – o que resultaria em um outro ensaio, mas estamos querendo deixar o registro – no calor da hora – desta experiência, sempre contestável, e por essa razão, institucionalmente política.

É neste ponto que a minha narrativa se reporta diretamente para a paradoxal experiência nos dois cursos: a ausência da oralidade (salvo as videoaulas e as videoconferências) e do gesto presencial, o futuro tecnológico a serviço da distância, a modalidade nem sempre explícita para os não iniciados em Libras, ou em siglas como AVEA do EAD da UAB⁷ nos remetendo

³ Em 2008 começa a segunda turma e a disciplina sofre alterações, sendo ministrada por mim e por fóruns m professor bilingue. Todos os textos, inclusive as provas, atividades e avaliações, são traduzidas para Libras. Os fóruns são mantidos em Língua Portuguesa.

⁴ Esse texto foi, em suas idéias iniciais, apresentado no Congresso da ABRALIC em 2008, na USP, São Paulo no GT Memórias Literárias e Acervos, coordenado pelo Prof. Dr. Luis Roberto Veloso Cairo (UNESP).

⁵ O início da educação institucional e pública dos surdos começou na França, na segunda metade do século XVIII no Instituto de Jovens Surdos no País.

⁶ início da educação institucional e pública dos surdos começou na França, na segunda metade do século XVIII no Instituto de Jovens Surdos no País.

⁷ Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem do Ensino a Distância da Universidade Aberta do Brasil.

de volta ao passado, pois inexoravelmente estamos reaprendendo a escrever manuais, livros didáticos, estudos dirigidos, provas de múltipla escolha, a trabalhar com excertos, a organizar antologias, críticas ou literárias, a pensar e escrever discursiva e cartesianamente nossas aulas (começo, meio e fim), a ilustrar com fragmentos e a selecionar o cânone entre os cânones. Há muito tempo a historiografia e o discurso crítico não haviam sido tão recortados e tão seletivos. Nunca mais tínhamos nos valido das certezas positivistas da historiografia e nunca carecemos tanto da ausência de uma história das visualidades e dos acervos digitais como agora.

Em pleno século XXI me reporto, então, às reflexões acerca dos manuais, feitas por Roland Barthes em 1976 (BARTHES, 2008), ao império da eloquência, evocando a retórica disciplinar do século XVIII e XIX estudado por Roberto Acizelo de Souza e, mais recentemente, à reflexão sobre as antologias feitas por Luis Rufatto, para entender essa nossa nova produção acadêmica. Cito agora a epígrafe deste texto, de autoria de Cazuzu: “Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades”.

Para ilustrar, vamos aos manuais. Roland Barthes, em “Reflexões sobre um manual” (1988), diz que a história da literatura é um objeto essencialmente escolar, que só existe por seu ensino. A literatura por sua vez é um objeto de ensino, feito de monemas: autores, obras, escolas, movimentos, gêneros e séculos. Sobre esses objetos a combinação de traços e predicados, quase sempre em oposição: Romantismo/Classicismo; Romantismo/Realismo produzindo individualidades ou certos indivíduos literários. É assim que nos manuais, os próprios séculos acabam por apresentar-se sempre de maneira paradigmática. Diz diretamente Barthes sobre estas questões: “O que estou dizendo é simplesmente a amostra do que se poderia imaginar como uma espécie de pequena gramática da nossa literatura, gramática que produziria umas espécies de individuações estereotipadas: os autores, os movimentos, as escolas (BARTHES, 2008, p. 55)”.

A gramática de nossa literatura precisa, no entanto, de textos, exemplos, remissões. É neste momento que retomo a leitura de Luiz Rufatto (2008), escritor contemporâneo, colecionador e organizador de antologias, em recente artigo. Antes de analisar a primeira antologia brasileira de contos (excluídas as de fins didáticos), *Contos brasileiros*, uma edição de 404 páginas, publicada pela Livraria Garnier do Rio de Janeiro, impressa na Bélgica em 1922, organizada pelos poetas Alberto de Oliveira e Jorge Jobim (poeta bissexto e pai de Antônio Carlos Jobim), Luiz Rufatto posiciona-se:

As antologias servem, de maneira geral, para evidenciar e consolidar nomes, e serão tanto mais significativas quanto maior a capacidade de apreensão do

“espírito do tempo”, demonstrada pelo responsável pela escolha dos autores. Ao fim e ao cabo, trata-se de um esforço para normalizar o gosto literário, baseado em interesse os mais diversos, sejam da sociedade, do mercado editorial ou de grupos marginalizados ou não (...). Mesmo as seletas geracionais, que prescindem dessa mescla, necessitam, para serem aceitas, de um garantidor que pode ser o autor de prestígio que assina a apresentação do livro, a editora que empresta crédito ao projeto, ou o grupo que sustenta a ação. (2008).

Neste futuro repetindo o passado naquilo que não vemos hoje chamar apenas de livro didático, mas material impresso, guia de estudo, porque o objeto livro, seu conteúdo, fica a serviço da interação virtual, vemos a combinação do manual pensado por Barthes com uma estética das antologias, dos fragmentos, que buscam operar nos universitários a assimilação das informações, o gosto, o pensamento crítico, motivando e remetendo à leitura das obras como um todo. Uma motivação a distância, ainda que amparados nos pólos por uma estrutura física, não mais mediados pelo pensamento imediato e pela presença de um professor da disciplina, mas por uma voz que permanece imperativa nos comandos escritos: *Leia. Leia mais!* Ilustro essa interação, essa voz de comando, a explicação detalhada, tutela, com atividades propostas na Unidade destinada a pensar sobre a subversão do cânone e sobre os livros didáticos em nosso livro *Literatura e Ensino* (2010, p. 46 e ambiente virtual):

Refleta(m) e troque(m) ideias com seus colegas, tutores e professores:



Alguns pesquisadores afirmam que muitos livros didáticos limitam-se a cobrar o que não ensinam. Vocês concordam? Façam uma pesquisa em diferentes livros didáticos, conversem com professores de suas cidades ou estabeleçam com eles uma relação virtual, troquem ideias com seus tutores (dos pólos e da UFSC), com seus colegas em fóruns e justifiquem suas respostas em um texto argumentativo. Envie ao seu tutor, postando no ambiente moodle, na data definida em seu ambiente virtual.

Dois livros são aqui sugeridos como boas reflexões sobre a leitura e a literatura e suas relações com a educação literária. Fica aqui a sugestão. Leia os livros, mesmo que a leitura seja feita após a nossa disciplina, para entender como eles se sustentam em uma consistente pesquisa de campo com professores e alunos.

- LEHAY-DIOS, Cyana. *Educação literária como metáfora social*. Desvios e Rumos. Niterói: EDUFF, 2000.
- MORAIS LEITE, Lígia Chiappini. *Invasão da catedral*. Literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

Buscamos mostrar, na **Unidade B**, a inserção da leitura e da literatura na escola, suas práticas e obrigações curriculares e o papel dos professores como agentes desta relação estabelecida em sala de aula. Assim, a pergunta que norteia a reflexão é a seguinte: O que ensinar? Ressaltamos a importância do estudo da poesia na escola e como a literatura acontece nos livros didáticos usados para mediar a relação ensino-aprendizagem. Sugerimos, embora se trate de um texto que você já leu na ocasião em que cursou *Literatura Brasileira III*, que retome o conto “Aqueles dois” de Caio Fernando Abreu. Em seguida, leia o texto “Subvertendo o Cânone: Literatura Gay e Lésbica no Currículo” de Rick Santos (consultar o texto *integral* na webteca). Sobre esta questão e sobre resquícios da censura mandamos alguns endereços para enriquecer e polemizar o debate que fará com seus tutores presenciais e a distância.

- SANTOS, Rick. Subvertendo o cânone: literatura gay e lésbica no currículo. *Gragoatá* – O ensino da língua e da literatura, Niterói, 1º semestre, n. 2, 1997, p. 181-189.

Não é em vão que os intermediários vão se chamar tutores. A cátedra volta a existir: graduandos, mestrands, mestres, doutorandos e doutores, assistentes, tornam-se tutores, estabelecendo o diálogo virtual e presencial, uma imprescindível participação colaborativa. Estou aqui me remetendo tanto ao Curso de Letras Libras quanto ao ainda em andamento Letras Português, em seus pólos, nessa geografia de pólos, que nos leva à idéia de um outro extremo, a opostos, a algum lugar.

Na dúvida e na tensão do diálogo como este que estabelecemos agora – ora em primeira pessoa do singular, ora na primeira pessoa do plural – porque paradoxalmente me rendi aos ambientes virtuais, a voz da experiência provisória e crítica debatem-se na avaliação do material e nas próprias escolhas. Os arquivos da memória literária, da memória cultural e os acervos constituem um importante instrumento de leitura a serviço dos distantes. Literal e metaforicamente. Se as certezas da historiografia, as assertivas informacionais, a gramática dos estilos, os manuais, as múltiplas escolhas, as antologias têm nos permitido alguns acertos provisórios nessa forma de ensino, nosso corpo precisa de outros gestos que não apenas aos que estamos acostumados. Para os surdos e para os ouvintes. A distância.

Retomo Roland Barthes quando nos recomenda fazer de nós mesmos o centro dessa história para que eu possa nesse ponto também trazer as idéias de Bakhtin (1988) e a busca ao diálogo, o dialogismo desejado, a escritura, ao mesmo tempo, como subjetividade e comunicabilidade, a existência sempre de um outro, nos textos que escrevemos. Porque a despeito dos manuais, dos fragmentos, do gosto literário pelo exemplo, pelo antológico, pela seletiva dos

cânones, o ensinar a distância nos leva a alguma coisa que a presença tem nos desobrigado. “Você lembra o que vimos na Unidade 3? Recupere o início de minha explicação. Volte à aula anterior. Reveja agora o que vimos sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha. Localize agora o poema *Se eu morrer amanhã* do poeta romântico Álvares de Azevedo em www.literaturabrasileira.ufsc.br Leia. Leia mais!” Gestos automáticos para uns, gestos de interpretação para outros. Performances. Buscas, perdas, memória e esquecimento.

Nesta geografia e nos deslocamentos teóricos, a síntese da minha experiência desejou trazer à tona questões contemporâneas acerca das necessidades pragmáticas que estabelecemos com os arquivos da memória e com a história da literatura. Ou das literaturas. Há processos contínuos de mudança na relação que se estabelece entre o conhecimento acumulado e uma prática individualizada. Coleções, acervos, bibliotecas, obras conclamam ao coletivo, à troca, à doação, à procura, à organização, a novos formatos. Sinto-me, a despeito de pressentir “um museu de grandes novidades”, muito mais integrada do que apocalíptica (ECO, 1993), porque no momento em que escrevo, tudo o que aqui represento – na provisoriamente de uma experiência – já atingiu o estatuto universitário de grandes projetos institucionais e disseminatórios.

Volto ao futuro, repetindo o passado, traduzindo culturalmente a escrita em língua portuguesa de um dos alunos da UFSC, Letras Libras, pólo da Universidade Federal do Ceará, acompanhada de um anexo com duas fotografias: *Barroco anjos visitei igreja São Luis Maranhão*; ou a escrita da aluna do Curso Letras – Português de um dos pólos no Paraná. Diante da proposta de que pesquisasse o que havia se pedido em livro, manda a mensagem: *Não tem o livro do autor Alfredo Bosi na minha cidade*.

Na falta dos conectivos, na inversão sintática, na apreensão pela experiência do olhar, na carência e na falta material na cidade de um outro, na denominação de autor para aquele que sempre chamamos de historiador e professor, Alfredo Bosi, desconhecido naquele contexto e, por isso, também silenciado, está a necessidade de que se continue a visitar, reconstruir e reconstituir paradigmas da memória cultural brasileira, onde se democratize e se dê acesso à Literatura, à Arte, à Realidade e ao Sentido (MELLO, 1999). Objetivar, experimentar e problematizar, por exemplo, os conceitos de Romantismo, de Modernismo ou de Barroco, como modos sócio-históricos de olhar.

O literário, o livro, se ressentido, mais do que antes, do pictórico, do filmico, do imagético, do sonoro, da literatura em meio eletrônico, esses campos instáveis que ao lado da palavra escrita são produtores de sentidos. O sistema literário deve se somar ao sistema figurativo de uma memória cultural mesmo que ainda precisemos continuar recolhendo ou reconhecendo.

Há na distância, na interação aluno do pólo, tutor e professor no outro extremo, um constante tecer epistolar e quem fala ou escreve sobre literatura acaba redefinindo a própria história da literatura, das bibliotecas e da memória cultural brasileira escrita pelo direito à fala, uma outra fala, dos até então silenciados e esquecidos: *Não chegou ainda o livro do autor Alfredo Bosi na minha cidade*. Ou a experiência de falar da literatura como um ato político, onde a língua portuguesa fica descompromissada de uma sintaxe normativa e o olhar constrói a compreensão do estilo de época: *Barrocos anjos visitei igreja São Luis Maranhão*.

Muitos trabalhos têm sido escritos sobre educação a distância, mas menciono aqui, um deles, pela sua importância crítica ao mapear em discursos institucionais as representações de poder sustentadas especialmente em valores tradicionais para se configurar uma promessa de excelência. Menciono como referência o ensaio de Maria de Fátima Silva Amarante⁸, que analisa o discurso institucional acerca da Educação a Distância no Portal do Ministério da Educação do Brasil. O que não se pode perder de vista é a inserção do projeto EAD em instituições governamentais, educacionais e civis e como a eficiência está sempre calcada na tecnologia e no valor da inovação. Nosso ensaio a partir de seu próprio título quis, porém, centrar o seu foco em experiências de aproximação: como estar presente na ausência.

O material, que estamos produzindo na UFSC para outros ou para o Outro, cuja depositária é a CAPES⁹: manuais, livros didáticos, guias, antologias, exercício de escrita por tantos anos desaprendido, quer resultar no pacto entre o lembrar e o esquecer sem comprometer os atos de ver com olhos cada vez mais livres e de ler na gramática de nossa literatura, autores, obras, textos e leitores, mesmo onde quase nada parece ter sido lido e escrito. E como esse é um texto que se apoia nas idéias de Roland Barthes sobre literatura e ensino, para concluir

⁸ AMARANTE, Maria de Fátima Silva. “Representações de poder em Discursos Institucionais sobre Educação a Distância”. *Letras & Letras*. Revista do Instituto de Letras e Linguística. Universidade Federal de Uberlândia. Volume 25, n. 2, julho/dezembro de 2009. p. 219-234.

⁹ Art. 25. À Diretoria de Educação a Distância compete: I – fomentar as instituições públicas de ensino superior e pólos municipais de apoio presencial, visando a oferta de qualidade de cursos de licenciatura na modalidade a distância; II – articular as instituições públicas de ensino superior aos pólos municipais de apoio presencial, no âmbito da Universidade Aberta do Brasil – UAB; III – subsidiar a formulação de políticas de formação inicial e continuada de professores, potencializando o uso da metodologia da educação a distância, especialmente no âmbito da UAB; IV – apoiar a formação inicial e continuada de profissionais da educação básica, mediante concessão de bolsas e auxílios para docentes e tutores nas instituições públicas de ensino superior e tutores presenciais e coordenadores nos pólos municipais de apoio presencial; e V – planejar, coordenar e avaliar, no âmbito das ações de fomento, a oferta de cursos superiores na modalidade a distância pelas instituições públicas e a infraestrutura física e de pessoal dos pólos municipais de apoio presencial, em apoio à formação inicial e continuada de professores para a educação básica.

vou assumir a concepção de *distância*, como ele o fez ao falar de cinema: “Aquilo que me sirvo para tomar distância com relação à imagem, eis, afinal de contas, o que me fascina: sou hipnotizado pela distância; e essa distância não é crítica (intelectual); é, por assim dizer, uma distância amorosa.” (BARTHES, 1988, p. 349).

Referências

AMARANTE, Maria de Fátima Silva. Representações de poder em discursos institucionais sobre educação a distância. *Letras & Letras – Revista do Instituto de Letras e Linguística*, Universidade Federal de Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 219-234, jul./dez. 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BARTHES, Roland. Reflexões sobre um manual. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

HALL, Stuart. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCOTT, Joan. Experiência. In: RAMOS, Tânia Regina Oliveira et al. *Falas de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

QUADROS, Ronice M.; MASSUTTI, Mara L. Cotas Brasileiros: Libras e português em zonas de contato. In: QUADROS, Ronice; PERLIN, Gladis (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/estudos2.pdf>>.

MASSUTTI, Mara Lúcia. *Tradução cultural: desconstruções logofonocêntricas e zonas de contato entre surdos e ouvintes*. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MELLO, Celina Moreira de. Modos de apropriação do espaço textual. *Gragoatá – Literatura, História e Memória*, Niterói, 1º sem., p. 227-231, 1999.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira; CORSO, Gizelle Kaminski. *Literatura e ensino*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira; CORSO, Gizelle Kaminski. *Os livros didáticos: fragmentos e retalhos da informação literária*. (2010, no prelo).

RUFATTO, Luiz. Antologias (1). *Rascunho: o jornal de literatura no Brasil*, Curitiba, maio 2008. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/>>. Acesso em: 12 set. 2010.

RUFATTO, Luiz. Antologia (2). *Rascunho: o jornal de literatura no Brasil*, Curitiba, jun. 2008. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/>>. Acesso em: 12 set. 2010.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Império da eloquência*. Rio de Janeiro: EDUERJ e EDUFF, 1999.

Recebido: 05.07.2010

Aprovado: 07.08.2010

Contato: <taniareginaoliveiramos@gmail.com>